JORNAL

ZERO HORA
PORTO ALEGRE - RS

*5 MAI 1995

(190)

ÍNDIOS

Guaranis vão escolher seu novo cacique

O processo de sucessão foi deflagrado com a morte de Alberto Brizola e a eleição ocorrerá no dia 20

FOTOS SÉRGIO ÁVILA

Reserva: os índios de Cantagalo, em Viamão, perderam seu cacique e terão de definir, com outros guaranis, um novo nome

Os índios guaranis do Estado enfrentam neste mês um conturbado processo de sucessão motivado pela morte do cacique da Reserva do Cantagalo, em Viamão, Alberto Brizola. A eleição do próximo dia 20 de maio não definirá apenas o nome do líder máximo dos 75 integrantes da aldeia localizada na Região Metropolitana. Com a morte de Brizola, cerca de outros 500 guaranis reunidos em oito localidades perderam seu conselheiro.

Os caciques e vice-líderes de oito regiões indígenas espalhadas por cidades como Camaquã, Barra do Ribeiro, Osório, Maquiné e Porto Alegre já se mobilizam para escolher um novo orientador, junto aos índios do Cantagalo. Os 3 mil guaranis de Nonoai não participam porque estão ligados à administração da Funai de Chapecó. O novo cacique vai assumir o comando de comunidades que têm por norma migrar constantemente atrás de comida. Se seguir a orientação de Brizola, ele vai frear um pouco a índole cigana da tribo.

Os guaranis são nômades e só costumam ficar no mesmo lugar enquanto houver alimentação para extrair da terra. Brizola, que nasceu na Argentina e mudou para o Brasil há 20 anos, alterou um pouco essa tradição. Na aldeia do Cantagalo, o plantio do milho, da mandioca, batata, amendoim, moranga e banana foi instituído, e a agricultura deu aos nômades características de sedentários. "Ele nos fazia plantar e colher bem", conta Bonifácio Morinico, 48 anos, uma espécie de guarda de Brizola.

A plantação, ainda que em pequena escala, também fez com que os índios pensassem em melhorias para as instalações onde moram — casas feitas com taquara e palha de milho sobre chão batido. "Precisamos de mais lonas para nos proteger da chuva", disse o substituto temporário de Brizola, Teófilo Gonçalves. O cultivo também assegurou alimentação, baseada principalmente no milho e na mandioca. "Não passamos mais fome", confirmou Bonifácio.

Mas a pobreza não foi erradicada. Das cerca de 40 crianças do Cantagalo, seis estavam internadas em hospitais de Porto Alegre, ontem. Duas em estado grave.

Dificuldades: Teófilo Gonçalves é o substituto

Causa da morte de líder é discutida no Cantagalo

O cacique Alberto Brizola morreu no final do mês passado depois de ter sido internado no Hospital Parque Belém em estado de profunda desnutrição. O óbito, fornecido pelo Instituto Médico Legal (IML), dá como causa da morte edema agudo de pulmão e traz a ressalva de que o diagnóstico pode ser modificado dependendo de informações hospitalares. A história da desnutrição que fulminou Brizola é nebulosa, envolve denúncias contra a prefeitura de Viamão e não descarta a suspeita de envenenamento.

Pela versão dos integrantes da aldeia do Cantagalo, Brizola estava bem de saúde e teria ido à prefeitura de Viamão no dia 17 de abril, para pedir auxílio para a festa do Dia do Índio, 19 de abril. Lá, ele e seu auxiliar, Albino Gimenes, teriam comido um prato de arroz, tomate, ervilha, fígado de galinha e maionese. "Foi essa comida estragada que matou ele", sustenta o cacique temporário, Teófilo Gonçalves.

A diretora de cultura de Viamão, Cléia Fontoura, tem outra versão. Ela confirma a reunião, mas nega o fornecimento de maionese na prefeitura e diz que o encontro ocorreu em 12 de abril. "Não há possibilidade de ele ter sido alimentado na prefeitura", afirma Cléia. No dia do índio, 19 de abril, a representante da Funai em Porto Alegre, Maria Sônia Coelho de Souza, encontrou o cacique acamado, febril e abatido. "Dei a ele um comprimido Dorico e doses de Elixir Paregórico", recorda ela. Só voltou a vê-lo no Hospital Parque Belém, minutos antes de ele morrer.

Brizola foi internado no dia 24 e faleceu no dia 26, na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Como suas fezes passavam por um processo de investigação sobre a causa da infecção alimentar, o diretor técnico do hospital, Flávio Vitola, não quis assinar o atestado de óbito. "Tenho obrigação de levantar suspeitas e não podia descartar a hipótese de envenenamento", contou Vitola. Os exames do Instituto de Pesquisas Biológicas (IPB) não confirmaram a infecção por cólera, salmonela ou shiguela. Gimenes, que também teria comido maionese, não adoeceu, mas a mulher de Brizola, Justina Palácio, está internada no Parque Belém com os mesmos sintomas do marido.